

A representação feminina no romance ‘Fundador’ de Nélide Piñon

Verônica Jaciara da Silva Vasconcelos

RESUMO

Nélide Piñon (1937-2022) foi uma das principais escritoras brasileiras do século xx. Piñon explorou temas relacionados à identidade, a poder, a amor e a resistência, e suas personagens femininas muitas vezes desafiam estereótipos tradicionais do gênero. Ela se destacou por dar voz a mulheres fortes e independentes, que enfrentou desafios e que buscam seu próprio caminho de vida. Este trabalho objetiva a liberdade feminina contra o patriarcado no romance de sua autoria intitulado ‘Fundador’ com base no artigo de Lúcia Osama Zolin, de 2008, denominado ‘A representação da Mulher na Narrativa de Nélide Piñon’. No romance mencionado, Piñon abordou as condições da mulher contra as expectativas sociais impostas a esta, na luta por igualdade.

Palavras-chaves: Nélide Piñon, Liberdade, Patriarcado, Fundador, Feminismo no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar a representação feminina no romance Fundador de Nélide Piñon, produzida em 1937. Esta obra distingue-se especialmente, pelo simbolismo que permeia o enredo. Piñon é praticamente uma das mais complexas autoras das contemporaneidades, e sua necessidade de reinvenção da escrita, e assim, gerando um legado literário muito rico que lhe valeu a representação na Academia Brasileira de Letras (ABL), que presidiu em 1997, sendo a primeira mulher em mais de cem anos a fazê-la.

2 A OBRA O FUNDADOR

A obra o Fundador (1969), de Nélide Piñon (1937) é uma bela expressão literária da imaginação educada que expressa o sentimento trágico da mortalidade cultural.

‘os ancestrais tudo fizeram para que esquecêssemos, não restassem memórias. Sim, que nos consolem outras cidades, vivemos tão afastados que suspeitamos serem os últimos sobreviventes de uma terra sem despedidas... Segundo Piñon (2011, p.125)’.

Nélide Piñon retrata de forma clara este sentimento trágico da perda da tradição, como sentimento da perda das origens e da identidade de um povo que é incapaz de relatar o seu passado. No romance fundador a espada fincada na terra significa o marco fundador da sociedade.

No romance Nélide Piñon, além do desdobramento que acomete os personagens masculinos, também ocorre o transtorno sobre si mesmo dos personagens femininos. Dessa maneira, em cada um dos ciclos narrados irrompe a figura de monja, considerada pela crítica, a presença organizadora da tríade que



sustenta a narrativa. No caso da presença feminina, o efeito de espelhamento ocorre inclusive pela repetição do mesmo nome, o qual vai sendo atribuído de maneira infinita a inúmeras mulheres que habitam em tempos diferentes a cidade de fundador.

“Asseguravam os mais velhos que inúmeras monjas existiram, desde os tempos da fundação da cidade, todas delicadas ao mesmo ofício”. Segundo Piñon (1997, p.86).

A religiosa monacal a quem fundador toma como esposa na temporalidade arcaica reaparece como a efigie por quem Johamus devota sentimento na temporalidade medieval, ao mesmo tempo em que se faz presença real e enigma do mesmo, servindo de máscara para outra jovem mulher também chamada de monja, a qual recebe o viajante, quando este conquista a cidade e passa a visitá-la na sua companhia, conforme podemos ler no próprio romance:

Sempre que visitara a cidade, ela o acompanhou. Com rápidas explicações, confiando na apreensão de Johamus. Nada o escravizou senão a capela, a que regressavam tantas vezes. Certificando-se Johamus de que simplesmente obedecera ao roteiro que lhe traçara à outra monja, pois espalhar símbolos da sua passagem, para que reconhecendo ele o seguisse e viesse a amar. Perseguiria a mulher amparada pela exaltação, e havia acertado, conseguiria mesmo trazer à vida duas monjas, quem sabe Três todas encarnadas numa única. “Segundo Piñon (1997, p.182).

Em cada uma das temporalidades os personagens e os símbolos se desdobram instaurando uma repetição e dentro dessa uma diferença o cartógrafo e o descobridor, personagens basilares do texto, aparecem e reaparecem em cada um dos momentos narrados. Teodorico de Antióquia, o fazedor de mapas do tempo arcaico, transformar-se em Stamponato na Idade Média, e quando o cartógrafo vai a América, tornar-se Ptolomeu, o hierofante dos tempos modernos.

Desta maneira se processa a multiplicação do personagem descobridor. Fundador para Johamus e para Joe Smith, cada tempo é instituído um personagem como reflexo do outro, conforme observou Aguiar:

Nesta produção Nelidiana, o tempo de fundador reflete o tempo de Johamus que reflete o tempo de Joe, que reflete o tempo de fundador e Johamus, and infinitum. Para que isso aconteça o desenvolvimento da trama intercala-se em tempos, passando aparentemente, de forma indiscriminada de um para o outro. Deste modo o fio de Ariadne tece no labiríntico tapete narracional, o tempo moderno de Joseph. Mal começamos a entrar em contato com a trama o fio passa a ter a função de alinhar o enredo de fundador que suspenso na urdidura, dá passagem à costura do tempo de Johamus. E assim, de Joe para fundador; de fundador para Johamus; de Johamus para Joe; de Joe para Fundador; de fundador para Johamus; de Johamus para Joe; de Joe para Johamus; de Johamus para fundador; de fundador para Johamus; de Johamus para Joe, os fios vão-se, pois, costurando, ponto atrás, ponto à frente, nos bastidores do tear narrativo. “Segundo Aguiar (2008)”.



O leitor realiza uma viagem ao longo da narrativa de um capítulo para o outro e até dentro do mesmo capítulo, por temporalidades que se erguem como repetição da anterior. Contudo o jogo de espelhamento não serve apenas para refletir subjetividades, mas para criar um espaço com narrativas autênticas feita anteriormente. À construção labiríntica se estabelece no texto por meio de um desdobramento do mesmo que visa prologar a permanência do leitor dentro da urdira romanesca, evitando que ele encontre a saída e que ao fazê-lo, a linguagem se desvaneça. Em outras palavras, é possível afirmar recorrendo a “Segundo Foucault (2006)”, que a reduplicação que aparece como fundamento do romance “fundador” surge de uma necessidade de prolongar a sua linguagem, não a deixando morrer.

“Foucault observa que com a saída dos deuses a linguagem literária só pode representar a si mesma, dizer o que já fora dito. Assim é que, no desejo de recuar a morte, o narrador Melidiano repete, reduplica num tempo o que já foi fora referido no passado, fazendo o retorno do texto sobre si mesmo. De uma instância narrativa para outra, do arcaico para o medieval e do medieval para o moderno, é como se a escritora compreendesse que, conforme afirma “Segundo Machado (2005.p.79)”.

“Antes da linguagem só existe linguagem; escrever é repetir palavras já ditas, o já dito da linguagem; escrever é um jogo de linguagem com a linguagem”.

Linguagem que se faz semelhante a de Raymond Roussel, a qual o filósofo francês descreve como “estendida como uma toalha de mesa” buscando a direção do impossível.

2.1 MOVIMENTO FEMINISTA

Nélida Piñon é favorável aos movimentos feministas por serem movimentos extraordinários que alterou a face do mundo. Ela aderiu ao movimento em prol das mulheres. Com uma convocatória no ABI a autora falava em defesa da implementação do primeiro 08 de março no Brasil em Nova York, viveu e acompanhou de perto o movimento feminista e o Black Power, que também é uma questão de respeito para ela. Conheceu grandes personalidades femininas e aprendeu com o pensamento para a questão fundamental para a consciência humana. A experiência alheia não é um legado transmissível, herdamos a história coletiva. Piñon teve o privilégio de admirar mulheres históricas, lendárias, mulheres do cotidiano dela, mulheres cuja grandeza, dignidade, sacrifício, honra, coragem e amor deixaram sólidas fundações na sociedade. Um gênero prodigioso que cuida e morre pela espécie.

O feminismo é um movimento social por direitos civis, protagonizado por mulheres, que desde sua origem reivindica e luta pela igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres, buscando combater o modelo social baseado no patriarcado, nos abusos e na violência contra as mulheres.

No Brasil a mulher conquistou o direito ao voto em 1932, com o movimento sufragista que ocorreu em vários países democráticos do mundo, entre o fim do século XIX e o início do século XX, para a organização das mulheres pelo direito ao voto. Então o movimento feminista reconheceu que com o



autoconhecimento, autoconfiança e a autogestão a mulher consegue construir uma base mental mais fortalecida para se impor e reivindicar os seus direitos.

Nélida Piñon foi uma das grandes representantes da literatura de autoria feminina pela natureza insólita da sua escrita e pelo valor simbólico de suas reflexões a respeito da mulher e da sociedade. De forma atenta e comprometida com o cenário sociopolítico cultural brasileiro, sua escritura tem contribuído para revisitar, resgatar e legitimar a participação da mulher como sujeito da própria história e, assim, desconstruir a visão estereotipada de sua representação.

A autora enfrentou não só um contexto desfavorável as suas primeiras publicações, mas obteve o reconhecimento de seu arcabouço literário e a inserção no cânone brasileiro de maneira subversiva e desviante.

Dessa forma, Nélida Piñon vem se destacando no cenário literário por tratar a problemática das mulheres, que é uma temática recorrente em toda sua vasta produção literária. A tendência natural à primeira leitura de Piñon, portanto, não pode ser outra, senão o feminismo. Ela é de fato a autora engajada com as temáticas femininas, como a mesma afirma em entrevistas dadas, entretanto sua ideia inicial não passa do desejo de afirmar-se e afirmar o seu gênero em face do patriarcado.

Como sua primeira obra *Guia Mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), a autora deixa a entender apenas que quer apresentar figuras femininas autônomas, pôr mais que isso constantemente seja alvo do processo de identificação com o feminismo, ao relacionar uma das suas personagens. Afirma “ (...) então criei uma personagem feminina atrevida – eu já era uma feminista sem saber – a Mariela (...)” “*Segundo Candido* (2004, p.01)”.

Portanto fica evidente, que ao não declarar seus objetivos feministas, Piñon apresenta personagens femininas fortes, que com o passar do tempo e o amadurecimento de sua verve criativa se transformam sensivelmente em mulheres engajadas e autônomas. A crítica a Piñon no contexto da sua literatura é o exótico, o novo projetado e definido, e para o contexto da reconstrução o rompimento com a atual forma de literatura a qual é considerada androcentrica, isto é, pausada no elemento masculino com sua perspectiva direta e crua, sem a intensidade nem a transparência que o elemento feminino consegue propor na construção do discurso que se deseja imprimir “*Segundo Moniz* (1984)”.

3 NÉLIDA PIÑON: VIDA E OBRA

Nélida Piñon é carioca, nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1937, aos 03 de maio, sua experiência de vida é urbana: filha de pais comerciantes.

Nélida conhece a realidade social carioca na década de 1930, altamente influenciada pelas expressões sociais e políticas de sua época (L&PM, 2016). Uma curiosidade acerca de Piñon é o seu nome Nélida é amargrama do nome ‘Daniel’ que pertencia ao seu avô.



A família de Nélide não é de origem brasileira, seus ancestrais vieram da Galícia, região próxima a Portugal, tendo chegado ao ano de 1980 ao Brasil. Essa diversidade geográfica tem o papel fundamental na obra de Piñon, porque a autora teve contato com a literatura desde cedo, pôr meio de material fornecido pelos seus parentes próximo.

Sua experiência profissional começa com a graduação em jornalismo na Faculdade de Filosofia da Pontifícia, Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e sua experiência com o universo literário começa por meio da sua profissão, atuando em diversos periódicos, entre eles, Cadernos Brasileiros (1966), Tempo Brasileiro (1976), impressões (1997), Cadernos Periódicos e Culturais (1993), Emeycloparedia of Latim American Literature and Arts (1995), imagem Latino- Americana (1993), o dia (1995), além de ter uma vida relacionada á acessoria acadêmica em diversas instituições (L&PM,2016).

Nélide sempre teve uma vida dedicada às artes literárias em 1965, criou a cadeira literária da Academia Brasileira de Letras e quando teve a oportunidade de viajar pelos Estados Unidos, recebeu um prêmio pelo reconhecimento de sua obra dado pelo governo Americano, importante reconhecer também a sua atuação na Universidade de Stanford, tendo sido titular da cadeira de humanidade nesta instituição (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2016).

Exerceu cargos no conselho consultivo de inúmeras entidades culturais do Rio de Janeiro. As viagens para outros países foram fundamentais pra sua biografia, obras e para melhor mostra-lhe o Brasil, país que para ela tinha uma preocupação maior, a razão da sua inquietação intelectual. Assumiu, como titular da Cátedra, em 1991, e a partir desse ano realizou cursos anualmente, debates, encontros e proferindo conferencias. Em agosto de 1996, desligou-se temporariamente da Cátedra, ao assumir inteiramente a presidência da Academia brasileira de Letras, na ausência do presidente Antônio Houaiss.

Na Academia Brasileira de Letras foi diretora do arquivo desde 1990; eleita a primeira secretária em 26 de junho de 1999 e secretária-geral em 07 de dezembro de 1995. Sua estreia na Literatura foi com o romance Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo, publicado em 1961, que trata do tema do pecado, do perdão e da relação dos mortais com Deus através do diálogo entre a protagonista e seu anjo de guarda. Desde o início a escritora filiou-se ao movimento que, depois de Guimarães Rosa, se orienta pela renovação formal da linguagem.

No romance Fundador publicado em 1969, Nélide Piñon abandona a base realista que comanda a criação literária analógica do mundo eminentemente estético. Ao longo de, mais de 35 anos de interrupta atividade criadora, Nélide Piñon é testemunha de que existe entre as possíveis maneiras de se exprimir que o homem tem seu dispor, a palavra é aquela que mais diretamente o põe a nu consigo mesmo, que diante de seus problemas individuais, quer na frente às suas mais dramáticas contradições enquanto ser social, político, cultural e economicamente determinado. Daí a sua consciência da função do escritor, não deve se limitar a apenas criar sua tarefa máxima, mas deve também emprestar sua consciência a consciência dos



seus leitores, sobretudo em um país como o Brasil, sendo necessário fazer com que o povo reflita sobre sua realidade e reivindique uma realidade mais justa.

As obras de Nélida Piñon foram traduzidas para diversos países como a Alemanha, Itália, Espanha, União Soviética, Estados Unidos, Cuba e Nicarágua. Contos seus encontrar-se publicados em centenas de revistas e fazem parte das antologias brasileiras e estrangeiras. Recebeu vários prêmios literários: Prêmio Walmaps pelo romance Fundador (1970); Prêmio Mario de Andrade pelo romance A casa da paixão (1973); Prêmio da Associação Paulista de Críticas de Arte e Premio Ficção Pen Clube pelo romance A Republica dos sonhos (1985); Prêmio José Vieira da União Brasileira de Escritores de São Paulo pelo romance A doce Canção de Caetana (1987); Prêmio Golfinho de Ouro pelo conjunto de obras conferido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro (1990); Prêmio Bienal Nestlé pelo conjunto de obras (1991); Prêmio internacional de Literatura Juan Rulfo o mais importante da América Latina e Caribe concedido pela primeira vez a uma mulher e a uma autora de língua portuguesa (1995).

3.1 OBRAS

Guia-mapa de Gabriel Arcanjo romance (1961); Madeira feita cruz romance (1963); Tempos das frutas contos (1966); Fundador romance (1969); A casa das paixões romance (1972); Sala de armas contos (1973); Tebas do meu coração romance (1974); A força do destino romance (1977); O calor das coisas contos (1989); A republica dos sonhos romance (1984); A doce canção de Caetana romance (1987); O pão de cada dia fragmentos (1994); A roda do vento romance infanto-juvenil (1996); O cortejo do divino (L&PM, 1999); Até amanhã outra vez (1999); O presumível coração da América (2002); Vozes do deserto (2004).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo fez-se necessário através da percepção de que a luta pelo engajamento feminino em todos os seus aspectos transcendeu os séculos passados, e se perpetua pelos que ainda virão, pois as conquistas já obtidas são frutos de lutas árduas e constantes, registradas em toda a história da humanidade.



REFERÊNCIAS

Fundador- Nélida Piñon, 1ª Edição Autografada, 14 x 21 cm, 242 páginas, ganhador do Prêmio Walmap 69. José Álvaro Editor, Rio de Janeiro, 1969.

Aguiar, Maria Alice. Inaugurando imagens com palavras, suscitando palavras com imagens: Nélida Piñon e Escher. Disponível em <http://www.abralic.org.br/enc_2007/anais/31/1025. Pdf. Acesso em 20/09/2008.

Foucault, Michel. Estética: Literatura e pintura, Música e Cinema. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta; Trad. Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro; Editora Forense Universitária, 2006. (coleção Dita e escrita, v.III).

Machado, Roberto, (2005). Foucault. A filosofia e a literatura. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 2005.
Moniz, Naomihoki. A casa da Paixão: estética e a condição feminina Harvard University, 1984.
www.wikipedia.org.
<https://pt.m.wikipedia.org/wiki>.

Piñon, Nélida. Fundador. Rio de Janeiro Record, 1997.